

**MARCAS LEXICAIS ORAIS
PRESENTES NA POESIA DE MANUEL BANDEIRA**

Gil Roberto Costa Negreiros (Universitas, Unifei)
gilrobertonegreiros@yahoo.com.br

RESUMO

Neste estudo, objetivamos investigar as marcas léxico-orais presentes em alguns excertos da obra poética de Manuel Bandeira. Adotamos, como referencial teórico, a perspectiva sociointeracionista, que considera fala e escrita a partir de um *continuum* tipológico. Percebemos que Bandeira se aproveita do léxico popular em alguns de seus poemas, criando neles certa ilusão da oralidade no discurso poético.

Palavras-chave: léxico coloquial; texto falado; texto escrito; Manuel Bandeira

INTRODUÇÃO

A língua escrita pode sofrer a influência da língua oral. Assim, a língua literária, que é uma modalidade escrita, também pode ser marcada por elementos comuns à língua falada, aos quais se inclui o léxico, um dos campos da língua mais sensíveis a transformações.

Nosso objetivo neste trabalho é demonstrar como o léxico coloquial, marcadamente vinculado à oralidade, se apresenta no texto poético escrito de Bandeira. Para tanto, apoiamos-nos na perspectiva sociointeracionista, segundo a qual fala e escrita não podem ser consideradas em posições estanques e dicotômicas, mas, pelo contrário, vistas dentro de um *continuum* tipológico em que a fala é influenciada pela escrita e vice-versa.

Primeiramente, fazemos uma abordagem dessa perspectiva. Em segundo lugar, destacamos aspectos referentes ao léxico popular e à presença lexical popular no texto escrito poético.

Há que se notar, por sua vez, que a problemática referente à influência do léxico oral na língua escrita e, em extensão, na língua literária, não é tão simples. Alguns fatores devem ser abordados aqui, antes de qualquer tipo de análise de nosso *corpus*, baseado na obra de Manuel Bandeira. Assim, inicialmente, discutimos aspectos que envolvem o vocabulário culto e o coloquial. Em seguida, apre-

sentamos questões referentes à expectativa linguística dos interlocutores para com os vocábulos coloquiais. Como terceiro ponto, discorremos sobre as características do léxico coloquial oral. Por último, destacamos aspectos referentes à grafia lexical de certos vocábulos orais, que visa a uma aproximação com a realidade sonora de certas palavras.

O MODELO SOCIOINTERACIONISTA

O modelo sociointeracionista trata da relação fala e escrita dentro de um contexto dialógico, ou seja, essa relação não é considerada um sistema dicotômico, mas um modo único e complementar de compreensão do mundo. Koch, abordando o assunto, afirma que se vem postulando que os diversos tipos de “práticas sociais de produção textual se situam ao longo de um contínuo tipológico, em cujas extremidades estariam, de um lado, a escrita formal e, de outro, a conversação espontânea, coloquial.” (2006, p. 43)

Seguindo esquema proposto por Marcuschi (2001, p. 33), dentro da perspectiva sociointeracionista, língua falada e língua escrita (daqui em diante LF e LE) apresentam dialogicidade, funções interacionais, coerência e dinamicidade. Também são fundamentos deste paradigma a negociação, os usos estratégicos e a situacionalidade, que auxiliam na percepção da língua como um fenômeno interativo e dinâmico.

De acordo com esse modelo, torna-se muito difícil – senão impossível – uma separação estanque entre LF e LE. Essas modalidades seriam modos de representação cognitiva e social reveladas em situações específicas. Nessa perspectiva, não cabe considerar uma modalidade superior ou inferior à outra, pois a fala e a escrita não possuem características negativas ou positivas. Uma separação dicotômica iria de encontro à existência de um *continuum* entre LF e LE:

As relações entre fala e escrita não são óbvias nem lineares, pois elas refletem um constante dinamismo fundado no *continuum* que se manifesta entre essas duas modalidades de uso da língua. Também não se pode postular polaridades estritas e dicotomias estanques. (Marcuschi, 2001, p. 34)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Assim, fala e escrita são realizações de um mesmo sistema, tendo características acentuadas próprias, que podem contagiar a outra modalidade, formando posições intermediárias, que nada mais são do que outras formas de produzir os sentidos do mundo, mais distantes ou próximas da fala ou da escrita (cf. Barros, 2000, p. 58). As diferenças entre LF e LE são analisadas, no paradigma sociointeracionista, sob o ponto de vista dos usos e não do sistema. A diferenciação não se torna dicotômica, mas sim escalar e gradual:

O que se verifica, na verdade, é que existem textos escritos que se situam, no contínuo, mais próximos ao pólo da fala conversacional (bilhetes, cartas familiares, textos de humor, por exemplo), ao passo que existem textos falados que mais se aproximam do pólo da escrita formal (conferências, entrevistas profissionais para altos cargos administrativos e outros), existindo, ainda, tipos mistos, além de muitos outros intermediários. (Koch, 2006, p. 44)

O LÉXICO COLOQUIAL

A - Vocabulário culto / vocabulário coloquial – gradações

Preti postula que, enquanto o vocabulário culto possui maior variedade de formas, maior precisão no emprego dos significados, maior aproximação com as tecnologias, o vocabulário coloquial é mais restrito, de uso mais amplo, muitas vezes abusivo nos usos de gírias e de vocábulos obscenos. (cf. 2000, p. 32)

O autor afirma que é muito difícil estabelecer distinções nítidas entre um grupo léxico mais culto e um mais coloquial. Enquanto alguns vocábulos podem ser considerados sempre como cultos e outros sempre como coloquiais, há aqueles que tanto podem ser considerados cultos ou populares. Preti, assim, reconhece a dificuldade em estabelecer, no campo do léxico, diferenças entre a modalidade culta e a coloquial⁹:

Daí a razão pela qual seria conveniente o estabelecimento de um *dialeto social* intermediário entre o culto e o popular, hipotético, a que denominaremos *linguagem comum*, acompanhando, ainda, a sugestão de

⁹ Cabe lembrar que Preti (2000) chama de *dialeto* as diversas modalidades linguísticas. Preferimos as expressões *modalidade culta* e *modalidade coloquial* às expressões *dialeto culto* e *dialeto coloquial*.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Gleason: “Linguagem comum é apenas uma designação para a maior parte do leque de integração entre as outras duas” [culto e coloquial (comentário nosso)]. (2000, p. 33)

Urbano (2000) também aborda o assunto, afirmando que, entre a modalidade culta e a popular, podem-se admitir gradações, como um vocabulário mais elaborado ou um vocabulário mais vulgar.

Além disto, o autor também liga o vocabulário coloquial à fala, enquanto que um vocabulário mais culto estaria ligado ao texto escrito. O dialeto culto se ajustaria normalmente à língua escrita com preocupação literária. Ao contrário, o dialeto popular está muito próximo da língua oral do povo. (cf. Urbano, 2000)

Preti faz a mesma menção ao fato, ao ligar, teoricamente, a modalidade culta (e nesse sentido, também o vocabulário culto) ao texto escrito, literário, ao passo que uma modalidade (e um vocabulário) mais coloquial estaria em consonância com a modalidade oral:

Em geral, pode-se dizer que o dialeto social culto, em razão das características apontadas, se prende mais às regras da gramática tradicionalmente considerada, normativa, veiculada pela escola, aos exemplos da linguagem escrita, literária, muito mais conservadora, ao passo que o dialeto social popular é mais aberto às transformações da linguagem oral do povo. (2000, p. 35)

Contudo, diante das muitas mudanças histórico-culturais sofridas pelos falantes e, também, diante das mudanças nas expectativas linguísticas desses usuários, pode haver uma mudança nos contextos de uso de certos vocábulos, o que dá ao léxico uma dinâmica própria, sensível à mudança.

B - A atitude linguística dos falantes e novos usos léxicos: o prestígio da coloquialidade

Preti (2003), ao se interessar pelo ingresso, em certos gêneros escritos e em gêneros orais mais cultos, de vocábulos oriundos de grupos socialmente desprestigiados, demonstra a mudança na expectativa linguística dos usuários na contemporaneidade.

O pesquisador postula que a fala se incorpora à identidade das pessoas, concedendo a elas maior ou menor prestígio no contexto social. Desta maneira, a fala demonstra a identidade real ou a identidade

de pretendida de uma pessoa:

A fala, bem como outras fontes de informação, tanto pode conduzir-nos à identidade real do falante, quanto à sua identidade pretendida. No momento em que se tornam conhecidas, na sociedade, as características de uma fala tida como de maior prestígio dentro de um grupo social, os falantes podem incorporá-las a seu uso, pelo menos no que se refere a seu léxico, com o objetivo de criar uma identidade que almejam, mas não possuem. (2003, p. 51)

A variação lexical, em grande parte, ocorre no nível da língua falada, haja vista que os critérios de aceitabilidade social nesta modalidade são maiores. Assim, é na língua falada que os vocábulos ganham e perdem prestígio. Nesse ponto, há que se destacar a valorização dos vocábulos coloquiais na contemporaneidade. Há, hoje, uma maior aceitação dessas palavras, o que certamente é um inegável índice de prestígio:

A língua oral é a mais suscetível de expressar variações e, nela, os critérios de aceitabilidade social são mais elásticos. Principalmente, em nível lexical. Talvez rapidamente como a moda, os vocábulos ganham ou perdem prestígio, desatualizam-se. A dinâmica da sociedade contemporânea é bem expressa nas transformações do léxico, não só na criação neológica dos vocábulos científicos, mas, principalmente, na linguagem coloquial. (*Idem*, 2003, p. 53)

A valorização ou a desvalorização do vocábulo está diretamente relacionada à *norma subjetiva* e à *atitude linguística do falante*. Segundo Preti, essa *atitude* é aquilo que é julgado como ideal para o comportamento linguístico, segundo a qual se estabelecem critérios voltados para a aceitabilidade social da linguagem. Essa *atitude linguística*, intimamente ligada à *norma linguística subjetiva*, é definida pelos fatores histórico-sociais em que está inserido o grupo a que pertence o falante.

Por um lado, em épocas de maior controle político, há uma tendência com relação ao controle linguístico, com atitudes linguísticas voltadas para uma valorização da modalidade culta. Por outro lado, em épocas de maior liberdade, usos linguísticos mais coloquiais, mais informais, são mais bem aceitos pelos falantes:

As épocas históricas que foram marcadas por regimes ditatoriais sempre foram muito propensas a uma vigilância linguística, crescendo uma atitude de valorização da variante culta e desprestigiando-se variantes que se identificavam com os falantes menos cultos. As épocas em que predominaram regimes mais liberais e democráticos sempre foram mais

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tolerantes com os hábitos populares entre os quais a linguagem do povo. Mas, por outro lado, nas épocas de crise econômica, de revolta e insatisfação, a gíria e os vocábulos obscenos ganharam ampla divulgação e emigraram, não raro, também para os textos escritos, quase sempre a partir da mídia. (*Idem*, 2003, p. 54-5)

Por meio da mídia, o texto escrito é influenciado pelo uso coloquial da linguagem, em especial pelo seu léxico, o que, segundo Preti, pode causar, em certos casos, estranheza, já que em alguns usos certos vocábulos não são habituais. Ao se abrir um jornal, não se tem a expectativa de encontrar um vocábulo obscuro. Segundo o autor, porque se trata de um vocábulo de baixa valorização social, ligado à expressão afetiva, que pode até ser considerado adequado em uma conversação espontânea. “E esse processo de estranhamento é bem mais sensível nos textos escritos, certamente porque o fato de serem impressos significa uma prova inequívoca de seu uso na língua falada.” (2003, p. 55)

C - Características do léxico coloquial presente em textos escritos

Algumas marcas lexicais coloquiais que são comuns, hoje, em textos escritos, literários ou não-literários, já foram analisadas por diversos autores, entre eles Pinto (1988) e Urbano (2000), cujos estudos serão aqui recensados.

Urbano (2000), em estudo sobre a oralidade nos textos de Rubem Fonseca, apresenta uma série de fatos linguísticos que, segundo o autor, são frequentes no vocabulário popular e oral.

O primeiro caso citado refere-se a expressões que deixam constituintes com valor semântico indeterminado, como *não sei quê*, *não sei o quê*, *não sei de onde*, *sei lá*, *uma coisa assim*, *não sei onde*.

É comum a ocorrência de expressões próprias do discurso oral, bem como expressões idiomáticas e expressões gírias. O autor cita alguns exemplos, tais como (a) expressões próprias do discurso oral, como *numa dessa*, *sem essa*, *tudo bem* etc e (b) expressões idiomáticas e elementos gírios, como *é fogo*, *suar pra burro*.

Também as expressões de situação são destacadas pelo pesquisador, segundo o qual são específicas da língua falada, por figurarem na fala corrente, vinculadas à situação de enunciação.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Oportuno salientar a afirmativa de Urbano sobre certas correspondências existentes entre a modalidade oral popular e a modalidade culta escrita. Segundo o autor, muitas são empregadas em ambas as modalidades, “já outras são deslocadas da área semântica da variedade culta, já outras apresentam “atrevidas metáforas”, outras nascem no seio do mesmo povo, outras ainda cristalizam-se reduzidas ou deformadas foneticamente” (2000, p. 123). Assim, a formação lexical coloquial é formada por processos heterogêneos, que dão, certamente, maior riqueza para esse campo linguístico.

Além desses casos, há que se levar em conta também os vocábulos obscenos, que, segundo o pesquisador, participam da massa lexical popular. Esses são formados por termos grosseiros, presos ao campo do erotismo e da obscenidade.

O mesmo é constatado por Pinto (1988), em estudo dedicado à história da língua portuguesa. Em seu trabalho, a autora afirma que o uso oral, de forma constante, influenciou a língua literária do séc. XX, por meio de coloquialismos familiares e até vulgares¹⁰:

Além da neologia, também o uso oral alimenta o léxico da língua literária do século XX. Desde Monteiro Lobato e Lima Barreto, mas, sobretudo, a partir do Modernismo, a literatura se torna cada vez mais permeável aos coloquialismos de nível familiar e até vulgar. (1988, p. 21)

O uso de um vocabulário obsceno, até então raro na literatura (salvo em textos satíricos e picarescos), torna-se comum em textos de vários autores, inclusive em poemas: “Encontra-se, em vários autores e até na poesia, um vocabulário obsceno, até então raro na literatura, salvo no caso de certos gêneros (o satírico, o picaresco). (*Idem*, p. 21)

Segundo a autora, o que ocorreu no séc. XX foi realmente uma “dessacralização do vocábulo”, de certa forma autorizada, por um lado, pela despreocupação, por parte dos escritores, com as autoridades gramaticais e, por outro, pelo público, que aceitou as mudan-

¹⁰ Pinto assevera que a “direção dos estudos linguísticos, em cada época, com suas múltiplas implicações, como a supervalorização ou desvalorização dos preceitos gramaticais; o interesse ou o desinteresse pelos fatos da oralidade; o caráter teórico ou pragmático dos trabalhos linguísticos empreendidos; a idealização ou a racionalização na concepção do texto escrito – têm decisiva influência sobre os vários aspectos da língua literária da época em questão.” (1988, p. 9)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ças sem a menor restrição. Tal afirmativa vem ao encontro dos dizeres de Preti (2003), em teoria já resenhada anteriormente, segundo a qual a atitude linguística dos usuários legitimou o emprego de formas coloquiais.

A pesquisadora ainda enfatiza que, em se tratando do emprego do léxico coloquial, cada autor é um caso. Desta forma, quando se fazem determinados comentários a respeito do período histórico em questão, alude-se a conceitos generalizantes. Deste modo, alguns autores, como Mário de Andrade, lançavam-se “à recolha de quanto vocábulo, locução ou frase lhe chamasse atenção, por frequentes ou pitorescos” (1988, p. 22)

Contudo, Pinto deixa claro que, manipulados ou não, “o fato é que os coloquialismos podem ser facilmente identificados na língua literária do século XX”. (*Ibidem*)

D - Variantes da grafia léxica: em busca de uma aproximação com a pronúncia coloquial

Pinto (1988) enfatiza o emprego de vocábulos construídos à luz de uma aproximação com a realidade sonora, recorrendo a uma grafia prosódica própria, como *pra*, *pro*, *prum*, *qué-de*, *quê-de*, *que-de*, *cadê*, *corgo*, *chacra*. Também, segundo a pesquisadora, há, em exemplos literários brasileiros do Séc. XX, o uso de vocábulos próximos a regionalismos, como *tá*, *tô*, *tava*, *babadô*, *canaviá*, *fuzuê*, *caboco*.

Dias também aborda o tema em estudo referente ao jornalismo popular. A pesquisadora afirma que a fonética popular se reduz “a um problema de alteração de regras ortográficas, para melhor se aproximar da pronúncia de um povo” (1996, p. 73). A autora também apresenta as alterações mais relevantes encontradas no jornalismo popular, que são as formas monossilábicas e as transcrições da pronúncia popular. Ambas alteram a grafia léxica, em busca de uma aproximação com a coloquialidade fonológica.

ANÁLISE DO LÉXICO ORAL
NA POESIA DE MANUEL BANDEIRA

Antes de se demonstrar a influência da oralidade em trechos da obra poética de Manuel Bandeira, há que se deixar claro que não pretendemos, aqui, afirmar que o texto poético é um texto oral. Pelo contrário, o texto poético, pertencente à modalidade escrita, muitas vezes pode ser marcado por características linguísticas que são comuns à modalidade falada.

Essa influência é notória em vários trechos da obra de Bandeira que, talvez influenciado pelos novos ares históricos do período que viveu, buscou em certos recursos orais uma “ilusão da oralidade”. Cabe lembrar que essa não foi apenas uma busca de Bandeira, mas de toda uma geração, que constitui uma das fundamentais características da língua literária do séc. XX: “Em suma, a tentativa de aproximar o texto literário dos diferentes registros da fala constitui uma das características mais notórias da língua literária do século XX.” (Pinto, 1988, p. 16)

Deste modo, no nível do léxico, podem-se citar alguns casos, retirados da obra de Bandeira, em que o poeta busca certa aproximação com a realidade oral:

(01) **BERIMBAU**

A mameluca é uma **maluca**. (*O ritmo dissoluto*) (p. 120)

Em “Berimbau”, o emprego de *maluca*, vocábulo muito usado na língua falada e que se refere àquela que sofre distúrbios mentais, é uma marca da oralidade presente no texto poético de Bandeira.

(02) **LOUVAÇÃO DE ADALARDO**

O que **dá duro** e se esfalfa

No **batente** [...] (*Estrela da Tarde*) (p. 259)

As expressões de uso informal *dá duro* e *batente* são empregadas em “Louvação de Adalardo”. A primeira se refere ao esforço exagerado de alguém no trabalho diário, enquanto que *batente* se refere, nesse poema, à própria ocupação diária.

(03) **IDÍLIO NA PRAIA**

E te chamarei

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Cupincha (*Mafuá do Malungo*) (p. 310)

Em “Idílio da Praia”, há a ocorrência de *cupincha*. Houaiss salienta que tal vocábulo, de uso informal, tem o sentido de *companheiro, camarada*. (cf. 2001, p. 891) Há de se notar, também, que, cotidianamente, o vocábulo apresenta certa conotação negativa, vinculada à idéia de *comparsa*.

Algumas palavras e expressões, comuns no cotidiano e com pouca precisão no significado, também são empregadas:

(04) CUNHANTÃ

O ventilador era **a coisa** que roda. (*Libertinagem*) (p. 138)

A palavra *coisa*, muitíssimo comum no cotidiano oral brasileiro, também ocorre em nosso *corpus*. Considerado pelos estudos funcionalistas como uma “pró-forma¹¹ lexicalizada”, de sentido fortemente impreciso, o vocábulo *coisa* é usado pelos falantes nos processos de referência textual, mais especificamente de substituição.

(05) CANÇÃO DE MUITAS MARIAS

Uma tem o pai **pau-d’água**. (*Lira dos Cinquent’anos*) (p. 176)

Em “Canção de muitas Marias”, é utilizada a expressão *pau d’água*, que se refere à idéia de *bêbado*, de *alcoólatra*.

Vocábulos ligados ao campo semântico dos excrementos e da vulgaridade, comuns na modalidade oral coloquial brasileira também são encontrados, como nos poemas “Pensão familiar”, “Escusa”, “Rondó do atribulado do Tribobó” e “Casa Grande & Senzala”:

(06) PENSÃO FAMILIAR

Jardim da pensãozinha burguesa.

[...]

Um gatinho faz **pipi**.

[...]

¹¹ Segundo Neveu, chama-se *pró-forma* “os objetos linguísticos tomados abstratamente, cuja função é a de representar as propriedades comuns ao conjunto de membros de uma categoria. Assim, o inglês *one* pode ser descrito como uma pró-forma nominal que representa o conjunto de membros da categoria de nomes que servem para designação dos referentes humanos definidos.” (2008, p. 250)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Encobre cuidadosamente a **mijadinha**. (*Libertinagem*) (p. 126-7)

(07) ESCUSA

tenro **cocô** de cabrito. (*Belo Belo*) (p. 191)

(08) RONDÓ DO ATRIBULADO DO TRIBOBÓ

Tinha três filhos: Rodrigo Luís que quando se referia aos planetas dizia o Vênus, o *Mártir*, etc. Joaquim Pedro bonitinho pra burro mas muito encabulado; e Clarinha a mesma de cujos **cocôs** já falei atrás. (*Mafuá do Malungo*) (p. 308-9)

(09) CASA GRANDE & SENZALA

Leva aqui a sua lambada

Bem puxada.

Jenipapo na **bunda**.

Que o portuga femeeiro (*Mafuá do Malungo*) (p. 307-8)

Importa também destacar o vocábulo *portuga*, corruptela de português, formada pela redução do vocábulo matriz, muito comum no uso coloquial brasileiro. Sobre esse último, Dias afirma que as deformações de significantes reproduzem a fala popular (cf. 1996, p. 97)

(10) ARLEQUINADA

Perdão, perdão, Colombina!

Perdão, que me deu na telha (Carnaval) (p. 89)

Em “Arlequinada”, o poeta faz uso da expressão *que me deu na telha*. De uso coloquial, essa expressão significa *pensar, ato de ter pensamentos*. Note-se, na expressão em análise, o caráter concreto da expressão, que designa uma ação abstrata. O emprego de expressões nitidamente concretas no sentido de ações abstratas parece ser, também, um recurso muito comum na modalidade coloquial oral.

(11) VERSOS PARA JOAQUIM

Mas que tristeza! Ela foi demais, **estou de mal** com Deus. (*Estrela da Tarde*) (p. 236)

Por sua vez, em “Versos para Joaquim”, notamos a expressão

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

estou de mal, comum em usos orais, principalmente em usos orais infantis.

Muitas frases feitas também são usadas em poemas, como nos exemplos que se seguem:

(12) **BRISA**

Vamos **viver de brisa**, Anarina. (*Belo Belo*) (p. 191)

(13) **ESCUSA**

Como o pão que o diabo amassou. (*Belo Belo*) (p. 191)

(14) **POEMA PARA SANTA ROSA**

E ela: — **Será o benedito?** (*Belo Belo*) (p. 201)

Alguns exemplos léxicos são apresentados por Bandeira com alterações na grafia, com claro intuito de criar imagens da variação da pronúncia das palavras:

(15) **MACUMBA DE PAI ZUSÉ**

Na macumba do Encantado

Nego véio pai de santo fez mandinga (*Libertinagem*) (p. 140)

Em “Macumba de Pai Zusé” o vocábulo *Zusé*, corruptela de “José”, é usada no poema desta forma com o intuito de se aproximar da realidade sonora, com a recorrência de uma grafia prosódica própria, caricaturesca de situações que envolvem certos cultos afro-brasileiros, intitulados popularmente de “macumba”.

(16) **CUNHANTÃ**

Quando se machucava, dizia: Ai **Zizus!** (*Libertinagem*) (p. 138)

O mesmo fenômeno ocorre em “Cunhantã”, com a busca de aproximação com uma possível pronúncia coloquial da palavra “Jesus”. Tanto em “Macumba de Pai Zusé” quanto em “Cunhantã” ocorre a mesma ocorrência variacionista fonética, com a transformação do fonema [gê], que inicia o vocábulo em z. Em seguida, há, em substituição à segunda consoante da palavra (que em ambos os casos é o fonema [sê]), o acréscimo também do fonema [zê]. Assim, nos dizeres de Dias (1996), há, nos dois casos, um “problema de altera-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ção de regras ortográficas, para melhor se aproximar da pronúncia de um povo.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que Manuel Bandeira usa o léxico popular na elaboração de alguns de seus poemas.

Esse emprego do léxico coloquial garante uma maior proximidade com o leitor contemporâneo, que é, ao mesmo tempo, além de leitor, usuário da modalidade linguística empregada, em diversos momentos, pelo poeta. Assim, as marcas da oralidade empregadas nos poemas visam à manutenção da interação entre o enunciador e seu possível interlocutor.

Além disto, a presença de recursos lexicais orais nos poemas produz efeitos discursivos que o aproximam da dinâmica oral do cotidiano. Assim, pode-se supor que haja nos textos aqui analisados certa ilusão da oralidade, garantida pela presença do léxico coloquial, comum na oralidade.

O autor se aproveita, dessa maneira, na elaboração de seus poemas, de recursos comuns a uma fala espontânea. Essa fala natural, presente em nosso cotidiano, torna-se fator preponderante na expressividade da poesia de Manuel Bandeira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, M. *Estrela da Vida Inteira*. São Paulo: Círculo do Livro, 1998.

BARROS, D. L. P. Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: PRETI, D. (org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas Publicações, 2000, p. 57-78.

DIAS, A. R. F. *O discurso da violência: as marcas da oralidade no jornalismo popular*. São Paulo: Educ/Cortez, 1996.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2001.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

KOCH, I. G. V. Especificidade do texto falado. **In:** JUBRAN, C. C. A. S. & KOCH, I. G. V. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Unicamp, 2006, p 39-46.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

NEVEU, F. *Dicionário de ciências da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2008.

PINTO, E. P. *História da língua portuguesa: século XX*. São Paulo: Ática, 1988.

PRETI, D. Variação lexical e prestígio social das palavras. **In:** PRETI, D. (org.). *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2003, p. 47-67.

_____. *Sociolinguística: os níveis da fala*. 9ª ed. São Paulo: Edusp, 2000.

URBANO, H. *Oralidade na literatura: (o caso Rubem Fonseca)*. São Paulo: Cortez, 2000.